

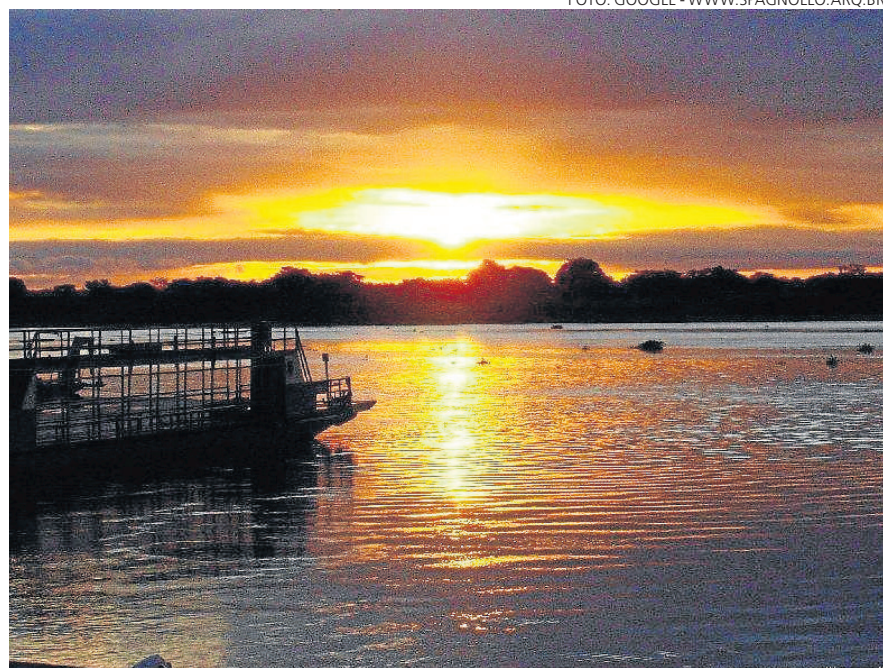
Suplemento Cultural

O Rio Paraguai

ABÍLIO LEITE DE BARROS

Esse rio é meu. Companheiro da infância que em frente dele vivi. Da janela da minha casa via o seu passar preguiçoso, serpenteando pantanais. Águas que, como dono, mal as tinha, passavam sem parar. Águas que pareciam minhas, depois soube, iam para o mar, para ninguém. Mas as guardei, minhas, na memória. Lamento pelos muitos que nunca tiveram um rio. Mas, agora, esse Rio Paraguai de saudades e sonhos, um amigo me tomou como seu – esse meu rio!

Esse amigo, Luiz Alfredo Marques Magalhães, fez um livro, “Rio Paraguai – da Gaíba ao Apa”, que acabo de ler emocionado. A emoção não me vem apenas da infância, que nem do rio, mas da beleza do livro, sob todos os aspectos, merecedor de louvores. Em primeiro lugar, tem a apresentação impecável, capa de muito bom gosto, papel de qualidade, diagramação equilibrada, fotos de valor histórico e outras criativas e



Arrebol pantaneiro sobre o Rio Paraguai

muito belas, pois o autor é, de ofício, um artista plástico, fotógrafo. Mas, por trás, como quem comanda, está o escritor muito objetivo, de linguagem simples, contida adjetivação, narrati-

va escorreita e literariamente de valor – um livro, um fotógrafo e um escritor. E um pesquisador também.

O pesquisador fez incursões no espaço e no tempo. As suas referên-

“

Mas a viagem mais rica e mais difícil foi no espaço, acompanhando o rio, de suas origens até o território paraguaio, em mais de 2.000 quilômetros. Nessa viagem, tinha a companhia de sua máquina fotográfica (...)”

cias bibliográficas nos dão a visão de sua viagem temporal. Andou pelos caminhos monçoeiros do século XVIII, nos bons textos coletados por Alfredo Taunay. Serviu-se de Francis Castelnau, Bartolomé Bossi, Hercules Florence, da Expedição Langsdorff, e de outros viajantes do século XIX, e foi mais longe em textos de Domingos Irala do século XVI e do próprio Cabeza de Vaca. Mais próximo, do século XX, serviu-se da

obra excelente de Raul Silveira de Mello. E muito mais. E, como essas obras não se encontram em um mesmo lugar, pode-se imaginar o exaustivo trabalho físico de suas pesquisas em bibliotecas e instituições especializadas, inclusive no exterior.

Mas a viagem mais rica e mais difícil foi no espaço, acompanhando o rio, de suas origens até o território paraguaio, em mais de 2.000 quilômetros. Nessa viagem, tinha a companhia de sua máquina fotográfica, instrumentos de ilustração e documentação, onde fica marcado o inegável talento artístico do autor. São fotos de beleza em invejáveis ângulos descritivos. Particularmente interessante é o jogo que faz entre fotos antigas e atuais do mesmo lugar, conjugando passado e presente, ontem e hoje, saudades e realidades, o que ficou.

O que ficou tem um sentido forte na narrativa de Luiz Alfredo, pois, pela sua sensível preocupação ecológica e amor à natureza, diante das belezas do Pantanal, demonstra visível temor e tremor de que aquilo tudo possa desaparecer. Posso garantir, ao amigo, que não desaparecerá enquanto o Pantanal for dos pantaneiros.

POESIAS

MATO GROSSO DO SUL

Mato Grosso do Sul, terra bendita,
Que desperta feliz e que se agita
Buscando os louros que a vitória traz...
Eu te saúdo, meu torrão sagrado,
Em teu afa de seres o eldorado
Refúgio santo de grandeza e paz!

Quero em versos cantar as manhãs claras,
O céu azul, como as belezas raras,
Dos cenários de mágico esplendor...
– E do passado, desdobrando os mantos,
Trazes à tona os teus reais encantos
Nos termos madrigais do meu amor!

Na placidez dos campos viridentes
Os rebanhos ondeiam pacientes,
Na rotina do manso pastear...
Sob a agudez da vista dos vaqueiros,
Estes humildes e leais obreiros
Do progresso que marcha sem parar!

Quero exaltar o Pantanal bravio,
O ex-mar de Xaraés, um desafio
Em busca de futura solução...

– E a riqueza da fauna pantaneira,
No perlongar sutil da onça matreira
Nas lonjuras perdidas do sertão!

Quero cantar com voz altissonante,
Toda a gama da flora exuberante
Que veste esta Planície colossal...
– Espécie das mais raras, aos magotes,
E a verde procissão dos camalotes
Boiando sobre o espelho de cristal!

Mato Grosso do Sul, que vive agora
O róseo despertar de nova aurora
Perseguindo os triunfos que virão...
Tens um culto à Memória augusta e santa.

RUBENS DE CASTRO

MESMICE

Minha mãe,
O que tem hoje,
Só tem canjica de novo?

Não, meu filho,
Hoje terá um ovo,
Espere a nanica cantar.

Ó meu pai,
Achou trabalho,
Desta vez o que que é?

Vou capinar na lavoura.
Amanhã compro café
E também vamos ter pão.

Pelo menos, por uns dias,
Vai melhorar nosso almoço,
Vai ter arroz com feijão.

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Minha pátria é Campo Grande

*“A minha pátria é onde o vento passa,
A minha amada é onde os roseirais dão flor,
O meu desejo é o rastro que ficou das aves,
E nunca acordo deste sonho e nunca durmo”*
Sophia de Mello Breyner Andresen

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

A cidade que escolhemos para ser nossa pátria é única em si mesma. Nossa ligação com ela é uma espécie de pele que nos veste e da qual não conseguimos nos livrar. Nascermos para desfrutar de seu ar, de sua vegetação, de seu poder de nos manter ligados ao ritmo interior, que é sua marca essencial.

O que dá sentido a Campo Grande é a força dos que nasceram para compor, pintar, escrever, construir casas de sonho, porque para eles a vida só tem sentido quando criam e tecem os fios de realizações que justificam sua presença neste mundo.

Muitos anos atrás, em minhas noites de insônia, cheguei a definir Campo Grande como uma cidade onde atores refaziam as mesmas cenas na busca de uma paz inexistente. Hoje sei que ela vale pelo trabalho de seus artistas. Sem eles a vida seria como um grito parado no ar, silêncio incapaz de desdobrar-se em música.

Em Campo Grande, sinto passar o vento transfigurador da criação, quando assisto na Concha Acústica Família Espíndola vibrarem as vozes e os sorrisos de nossos compositores, na celebração do amor à terra morena, ao legado de paciência dos índios, à força construtora dos que vieram de longe

lançar raízes de progresso em seu solo acolhedor.

Vibro com o trabalho dos atores do teatro e da dança, que reinventam a vida em todos os seus aspectos, quando fazem da voz, do gesto, um rito de louvor à existência, à vida e a seus mistérios...

O palco não precisa ser grandioso nem sofisticado, porque mesmo a rua lhes serve de espaço para encaixes em que trazem de volta o passado e reconstruem pedaços do presente definidores de identidades, como se num jogo de espelhos captassem perdas memórias.

Saúdo os arquitetos que deram sentido à vida urbana, projetaram monumentos de pedra e cal, nos quais imprimiram o signo de liberdade essencial às conquistas humanas. Louvo os pintores, desenhistas, escultores e, de modo geral, os artistas plásticos, que têm olhos mágicos capazes de dar cor, forma e movimento a coisas pequeninas, nesse milagre de transubstanciação de que a arte é soberana.

Sou irmã dos que brigam com as palavras, reconstruem o mundo, sem medo de enfrentar a verdade, preocupados apenas em fazer da escrita um exercício de integração com o outro, no desafio ao tédio limitador de aspirações.

Em Campo Grande estão as cinzas dos que amei, as lembranças da infância e juventude, as escolas, os espaços culturais onde os roseirais do talento se abrem em flores de sabedoria, que embalam meu sono do qual não tenho vontade de acordar.

Campo Grande, cidade movida pela paixão, sentimento que liga seus habitantes a objetivos geradores de crescimento e paz interior, é minha pátria.

EVOLUÇÃO E SABEDORIA

ALTEVIR ALENCAR

Quem se voltar, numa visão histórica, para os primórdios da vida humana em suas mais primitivas constituições tribais, verificará ali, naquelas instâncias da pré-história, o velho predador de impulso brutal passado para a condição de caçador, e a seguir, de pastor, com a utilização dos primeiros artefatos de pedra, a descoberta da alavanca e do fogo; e já então as primeiras manifestações da Arte, o sentido do Belo nas pinturas rudimentares. Reproduzirá o ritmo cantante da Natureza e daí nascerá a Música. A fala lhe será atributo específico; a riqueza dos recursos das mãos desenvolverá a capacidade criativa. Reconhecerá forças superiores às suas e lhes renderá culto. Desde as primeiras imposições das circunstâncias entenderá a necessidades de divisão do trabalho, de que resultariam hoje as profissões e as especializações. Buscando um sentido ulterior a tudo que via, criaria as diferentes filosofias. Observando e experimentando reações de toda natureza, originaria a Ciência. A lei do esforço mínimo e a engenhosidade inata criariam a tecnologia. A lei de causa e efeito, a consciência dos atos bons ou maus dariam noções de comportamento, de punição e de castigo, formando-se as primeiras leis de convívio-

cia, os códigos de disciplina. As conquistas humanas surgiriam a seguir, em progressão geométrica. Hoje investiga as moradas do Cosmo. Mas... não perdeu suas vicissitudes milenárias. O fastígio do poder. O seu orgulho como rei da criação.

Se as conquistas são meritórias, não cabe retroagir. Mas, se não fazem o homem melhor, algo de essencial está faltando. Eis a questão. Todo o avanço da técnica e do saber, globalizado o conhecimento, responde por posicionamento unilateral da realidade, aquele que só enxerga o trunfo e a glória de momento, do homem-matéria, da inteligência que viva o hoje. Vangloria-se o homem de sua inteligência sem lembrar ou sequer admitir que ela é apenas uma fração infinitesimal de uma inteligência sem limites, universal e generosa. Adquire o homem o saber, o conhecimento, e isso é importante e indispensável. Mas tão raros chegam a adquirir a sabedoria, o entendimento superior em que todo o saber se ajusta a leis soberanas. O saber em si enobrece, quando a sabedoria edifica. O saber por vezes enobrece, enquanto a sabedoria, esta sim, engrandece.

Por isso, há uma distância imensurável que separa os homens sábios daqueles de sabedoria.

Reviro

HELIO SEREJO

Comidita de várias iguarias, misturadas com o resto do tambú – do dia ou do anterior.

Se a mistura é feita somente de milho e feijão, o grude tem o nome de cajarê-comandá. Se azedou pelo excesso de calor, fica sendo yacaru-yvai.

Quando está dura mesmo de engolir, o homem do erval, no seu apurado espírito satírico, dá-lhe o nome de yaguá-tambú; mas fazendo cara feia manda-a para o bucho porque sabe que para llorar hay tiempo, e, o que no hay mimo, é tempo para se perder.

Deglutina tudo, avidamente, sorve longos goles de água, apanha o machete filoso e, pegando o pique estreito da mata, marcha para as erveiras, em busca do tini.

O reviro, comida dormida ou não, é o verdadeiro alimento da raça primitiva.

A combinação de vários elementos torna-o forte e substancial.

Se lhe agrega um “poquito” de palmito, então, a coisa fica macanuda de verdade, e o homem, assim alimentado, resiste à brabeza da luta, até as horas do anoitecer.

Com um simples guaicuru, e num sapuaitê, tudo fica pronto e o kuimbaé está listo para ir namorar e se envaidecer com a caaguara.

No reviro, como, também, no lôcro, nós encontramos, sempre, a rude alma nativa e o perfil gauchesco dos bravos peões de todas as ranchadas ervateiras e das estâncias crioulas, que enfeitam o gigantesco palco da natureza sábia e caprichosa.

Mas o peão da fronteira, que também arranha o guarani, sabe que reviro-cunhá significa, na linguagem brejeira dos ervais: misturar-se com a mulher, “juntar os baixeiros” com ela, para uma noite de carícia e amor!...

E é este o reviro que ele mais aprecia quando sai para farrear um pouco, e joga, para um canto, o facão guaçu e o laço Pará, bem trançado...